

Sérgio Oliveira a "O Jornal/PME's"

"Curso do ISCTE munuiu-me com as chaves do futuro"

Sérgio Oliveira é um jovem empresário do Porto, que frequentou, já, um curso de Gestão Estratégica Aplicada às PME's. É vice-presidente do Clube de Empresários, e diz gerir a sua empresa — considerada modelo por Alfredo Pereira — pelos critérios que este docente, com a sua equipa do ISCTE, lhe aconselharam.

É uma pequena empresa de candeeiros e artigos de decoração, situada em Oliveira do Douro, Vila Nova

de Gaia.

Sérgio Oliveira, de 37 anos, é pai de duas filhas, e diz ter pouco tempo para ler os jornais de que tanto gosta, ou não tivesse sido, como nos diz, através deles — exactamente através de «O Jornal» — que teve conhecimento da realização dos Cursos de Gestão Estratégica. Falámos com ele, e mostra-se decidido a aplicar a estratégia empresarial, para fazer andar a sua empresa.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA



Sérgio Oliveira
Aplicar na empresa conhecimentos da escola

Tendo frequentado o 1.º ano da Faculdade de Direito, acentua-nos que, agora, se sente «mundo» com os mecanismos próprios para fazer andar a sua PME. Eis a conversa:

«O Jornal» — Qual é o seu caminho como empresário?

Sérgio Oliveira — Oito, formar empresas a partir do zero é muito difícil!

É mais interessante falar do seu renascimento. O meu caso tem um pouco a ver com isso. Apareci para fazer renascer uma empresa, e aproveitei a experiência, adquirida pelo meu irmão como sócio da empresa, que conhecia, e conhecia muito bem, em termos comerciais, o mercado nacional. Por outro lado, senti para realizar um projeto mais amplo, e que vinha a ver com a reestruturação da empresa.

Empresários não nascem empresários

P. — Dize que tem sucesso a empresa. Em termos de sucesso?

R. — É uma empresa familiar, que nunca esteve formalmente em termos jurídicos, mas trabalhava, e trabalhava com um conhecimento do mercado nacional. Depois, tornou-se mais fácil, porque se pode contar com a experiência dos outros gerentes.

P. — Para além destas coisas, que mais informação colhe?

R. — Fui procurar a fonte, onde pudesse beber a água para ser empresário. É que os empresários não nascem empresários. Vm ao ISCTE em boa hora.

P. — Não tem medo de se converter num empresário do século XXV?

R. — Se fosse pelo saber livreiro, tinha comprado livros e lido jornais. Julgo que, por ter passado por outras escolas, esta simboliza algo de diferente.

P. — Porque está no clube?

R. — Porque frequento o curso de Gestão Estratégica Aplicada às PME's, e o clube surge para dar corpo e seguimento ao projeto de gestão aplicada. Sentimos a necessidade de não deixar morrer aqui um projeto desta natureza, e que é muito mais amplo, e é muito mais fácil entender e que é a gestão empresarial neste País se nós não deixarmos de beber a informação. Diz-lhe-is o regulamento: não distinguimos o princípio e o fim de uma maneira diferente. Para nós tudo começou quando o curso acabou.

É um menino renascido

P. — O que sente agora em relação ao seu projeto empre-

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Empresa - rel. e/ universidade
ISCTE

metral?

R. — Quando vim para aqui, seria um menino recém-nascido, com os olhos vendados, que aparece à frente da empresa, sem conhecer as «armas»: o meio envolvente. Hoje, sinto-me um empresário privilegiado, por ter passado por esta escola e frequentado este curso. Hoje, em relação à minha actual mentalidade de empresário, sou capaz de definir o que são a finalidade, os objectivos e qual é a vocação da minha empresa.

P. — Mas não que este mesmo seja o bastante para o medir de toda a panóplia de instrumentos de uma gestão correcta, por objectivos?

R. — Convém dizer que foram seis semanas rigorosas, com histórias e professores rigorosos e exigentes, pois insistiam compassos. Em tempo real, representam o dobro. As discussões e reflexões nunca foram produto ambido.

P. — Mas, porque não foi um produto ambido, e porque é preciso vencer, como vai ser a sua gestão?

R. — O curso deu-me outra capacidade de resposta, diferente da dos grandes empresários com mais recursos e capacidades de negociação. Falamos, como PME's, recursos humanos, agora, são penedias. Não analisamos um único factor, mas muitos, e todos terão de ter uma resposta.

O ringue e as luvas

P. — Mas já se não tem luvas de boxe suficientes para enfrentar os problemas quando quer começar falando de sua empresa?

R. — Olhe, foi bom equipar-se. Se as luvas não estiverem bem ajustadas nos punhos, esta equipa coordenadora está preparada para me dar o bafeio necessário e a força indispensável para que, no ringue, eu saiba combater bem.

P. — Também disse que este curso não era um produto ambido?

R. — Não foi e não é, porque o futuro é novo. Este projecto teve a sua primeira fase na escola. Nalguns casos — no da minha empresa concretamente — já não é só a fase da escola. Esta equipa de responsabilidade pela coordenação da gestão estratégica já foi, duas vezes, à empresa. Espero que, no próximo mês, vá a terceira, para saber como as coisas estão a correr. Este empunhamento não se limita à escola. Vai à empresa sobre as o empreendedor, que foi aluno — e que continuará a sê-lo com entusiasmo — está a fazer que os conhecimentos adquiridos.

P. — Porque é que a sua empresa tem um logótipo europeu?

R. — Porque somos um País europeu. Apesar de termos consumado a nossa adesão, Portugal é, foi e será um País europeu. É tal como nos Descobrimentos, em que o empreendimento foi correr mundo, também, agora, está na hora de os portugueses fazerem uma empreitada, esse empreendimento. Temos, para isso, muitas qualidades positivas. Se as PME's conseguirem sobreviver num mercado de 10 milhões de habitantes, muito mais fácil será se «aproveitarem», se se destacarem e prepararem para a reacção que haverá, face ao impacto da adesão. Ah, então posso-lhe dizer que, se sobreviveram até aqui, vão aguentar-se, certamente, no futuro. Parafraseando uma frase de dr. Pereira, no curso, diria que «o pequeno empresário deste país já merece que lhe seja erigida uma estátua».

«Lanterna vermelha» — não

P. — Para além das resultados económicos, o que deseja para a sua empresa?

R. — Conseguir e ter força para continuar a aplicar os conhecimentos que adquiri no curso. Desejava muito — e aliás isto é o desejo maior — que o nome projecto fosse aprovado pelo IAPMEI. Ele aponta para a inovação e modernização, e está dentro dos objectivos deste curso. Desejava conseguir o financiamento para demonstrar-me que as PME's são o futuro deste País, mas do que precisamos é de mudar o seu comportamento industrial e modernizar e inovar a nível de produto não é fácil.

P. — Gostaria que as PME's deixassem de constituir a «lanterna vermelha» do tecido empresarial?

R. — As PME's não são, não foram, nem nunca serão a «lanterna vermelha» deste País. Estamos na posição contrária.

P. — Então, a vocação da PME é a de constituir a estrutura?

R. — Uma PME é-o por vocação. Não desejaria nunca ver a minha uma grande empresa. Preferia aquela que a torna mais sã, o seu sistema relacional, e forma de nos relacionarmos dentro dela, coisas que na grande não é possível.

Que lhes chegue um pouco da fatia

P. — Que mensagens tem para os seus colegas das PME's que não frequentaram o curso?

R. — Quero dizer-lhes que não estão nenhum completo por ser empresário de uma PME. Que o sejam e que se orgulhem também. Desejo lembrar o facto de eu ter sido um privilegiado em frequentar o curso, desejando que os meus colegas possam também os conhecimentos que adquiri e demonstrarem, ainda mais, do que são capazes. Este objectivo será possível se modernizarem e inovarem e se destacarem com as «armas» suficientes necessárias a enfrentar o impacto. É preciso que tenham capacidade e flexibilidade bastantes, e acreditem em si próprios. Assim, desejaria que tivessem formação profissional empresarial, que as instituições de apoio se ajudassem na elaboração dos projectos de modernização e de inovação, a nível de novo produto, e consigam a máxima informação que as PME's não recebem. Que ela lhe chegue às mãos, e que os incentivos de apoio não fiquem tão meros, como têm sido até aqui.

Que calhasse às PME's um pouco da fatia que vem ao nome delas, mas nunca lhes chegue à boca.

Enfim, este o sentir do empresário, que se diz contente com um curso, que é interdisciplinar em relação às ciências humanas — antropologia, sociologia, psicologia — e que terão ajudado a enquadrar problemas de gestão de recursos humanos na empresa de Sérgio de Oliveira, onde o antigo empresário tinha uma «cultura empresarial» diferente da sua. Como divulgadora o hábito de trabalho era diferente, quando que teve de ser abordada nas suas motivações e determinantes da vida da empresa. O fenómeno merece a observação da equipa coordenadora do curso, e é apontado como paradigmático.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Empresa - rel. e/Universidade - ISCTE